

XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

## **Recife entra em campo: história social do futebol recifense 1905-1937.**

Lima y Eduardo.

Cita:

Lima y Eduardo. (2013). *Recife entra em campo: história social do futebol recifense 1905-1937*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/292>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## RECIFE ENTRA EM CAMPO: HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL

### RECIFENSE 1905-1937.

Se, como produto social, o futebol revela características da sociedade a qual pertence, suas mudanças ao longo do tempo expressam também mudanças sociais específicas. Baseado nessa premissa é que construímos nosso trabalho, sendo o futebol uma prática cultural moderna, tendo sua chegada ao Brasil intimamente ligada a um processo de modernização das cidades, entendemos que estudar esse processo de modernização utilizando o futebol como meio é o objetivo deste trabalho.

O futebol chega a Recife em um período histórico específico, em um contexto histórico que proporcionou tal expansão do esporte. A expansão deste esporte pelo mundo está ligada a expansão do império inglês, como também, do processo capitalista de produção. A história oficial brasileira é de que o esporte tenha sido trazido por jovens da elite que o conheceram na Europa, pois muitos lá estudavam. Portanto, nos seus primórdios é um esporte da elite e sendo praticado como forma de distinção social, como afirma Sevckenko em sua reflexão sobre o papel dos esportes no Rio de Janeiro do início do século XX:

“Nesse contexto o esporte, e tudo o que traga as suas conotações, se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos de distinção social. Ele surgiu elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento do corpo e do *sportsmanship*.”<sup>1</sup>

Um período marcado pela ânsia de modernização das cidades, baseada nas reformas urbanas ocorridas nos grandes centros europeus, mudaria, não só, o cenário

---

<sup>1</sup> (SEVCENKO, 1998: 575)

urbano, como o cotidiano dos habitantes destes centros urbanos. Conforme Sevcenko ser “considerado moderno implicava necessariamente relacionar-se com a tecnologia e ter atitudes individualistas, como também uma associação a símbolos cosmopolitas, em especial aqueles que conotam origem européia consolidando a prática de ser chic e snob”( SEVCENKO 1998: 580). É, portanto, neste contexto que o futebol chega ao Brasil, um ambiente aberto às práticas europeias que as absorvia como modernas e como uma forma de distinção social. Pelo menos essa era a ideia inicial.

O recorte histórico deste trabalho tem seu início em 1905 quando é oficializado o primeiro clube pernambucano que reserva um departamento de esportes terrestres com objetivo de promover esportes como futebol, críquet, rugby e tênis: o Sport Club do Recife. O marco final é o ano de 1915 quando há um processo de institucionalização do futebol com a criação da Liga Sportiva Pernambucana-(LSP). Instituição esta que organizará campeonatos anuais disputados por seus filiados e que tem como sua herdeira a atual Federação Pernambucana de Futebol.

Este artigo encontra-se dividido em dois momentos. No primeiro a discussão será pautada pela chegada do futebol na capital pernambucana e de como essa exportação do futebol se insere no processo da expansão do sistema capitalista na cidade do Recife. No segundo momento pretendemos analisar o caminho que percorre o futebol no Recife, a formação dos clubes, o aumento do interesse por parte da população, a busca por um espaço dentre os praticantes do esporte, todo esse processo culminando em tentativas de institucionalização e normatização do esporte, sendo a Liga Sportiva Pernambucana(LSP) a mais famosa delas.

### **Da chegada e expansão**

É importante lembrar que as últimas décadas do século XIX transformaram de forma decisiva as práticas esportivas, desde invenção de novos esportes, como também institucionalização e burocratização dos já existentes, conferindo, com isto, destaque a alguns esportes como o futebol e o rugby. O futebol moderno nasce na Inglaterra em 1863, quando surge o *football association*, ditando as primeiras regras do esporte, regras estas baseadas em conceitos morais e sociais da sociedade inglesa. Um exemplo é o *off side* que é considerado ilegal para o esporte, pois tirar vantagem da posição em campo visando o gol era imoral. Portanto, diante do contexto brasileiro, jogar foot-ball era moderno e atual, assim, logo se tornou um esporte muito popular entre a emergente população urbana.

O futebol inicia sua expansão pelo mundo em fins do século XIX e início do XX, principalmente pela Europa e América Latina. Momento muito particular nestas regiões, pois estas estavam formulando e reformulando suas fronteiras econômicas e culturais. Também neste contexto as cidades iam ganhando novos habitantes, muitos vindos dos campos ou imigrantes em busca de melhores condições. Com essa nova população, novas demandas foram criadas nas cidades. Nestas estava incluso urbanização e uma incipiente industrialização dessas cidades, contando inclusive com mão de obra de imigrantes.

Há uma relação muito próxima entre a formação da cidade moderna com a expansão e consolidação do futebol, ambas são frutos da modernidade, definida por Berman desta maneira:

“O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que

transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão.”<sup>2</sup>

A caracterização de Berman serve de cenário para a prática do futebol. Em Recife há a peculiaridade da cidade ainda esta em formação, objetivando justamente este ideal de cidade moderna. Projetos de modernização da capital pernambucana existem desde o final do século XIX, todavia é no início do século XX que eles se materializam e dão uma nova forma a cidade do Recife.

No tocante a questões políticas do final do século XIX, há segundo Hobsbawm, “um marcante processo de invenção de tradições políticas geradas pelo estado com objetivo de manter uma ordem social. Três elementos foram de fundamental importância na constituição desta construção: educação primária secular, cerimônias públicas e a produção de monumentos públicos”<sup>3</sup>. O esporte, principalmente o futebol, se encaixa nesse processo por se tornar cada vez mais uma febre entre as classes

---

<sup>2</sup> (BERMAN 1986;16)

<sup>3</sup> (HOBSBAWN, 1984: 306-307)

trabalhadoras. Como muitas cidades iam se modernizando se tornavam um espaço de sociabilidades para diversos grupos sociais que lá interagiam. Portanto, o desenvolvimento capitalista é um dos pilares da mercantilização do futebol.

Fim do sistema escravocrata, revolução industrial, chegada dos imigrantes, expansão do sistema capitalista atingindo os engenhos que logo se transformarão em usinas, novas demandas sociais sendo criadas, discursos higienistas e sanitaristas, era esse o cenário no Recife dos primórdios do século XX. Foram essas mudanças científicas, tecnológicas e sociais que desestruturava a antiga ordem social, construindo-se uma nova: moderna. Era diante desse quadro que voltavam os filhos da aristocracia açucareira educados na Europa.

Recife é imersa de militantes positivista que defendiam arduamente uma reforma urbana na cidade. Na verdade eram ideias defendidas em vários locais do país, o próprio presidente da nação em 1902 Rodrigues Alves realizava grande reforma urbana na capital federal baseado em discursos positivistas e modernizantes. No Recife não seria diferente, os clamores eram muito parecidos com os do Rio de Janeiro. Avenidas largas, serviços de infraestrutura básica, como esgoto e transporte. Existia um ideal de cidade perfeita muito comum à modernidade, como se fosse possível manipular o tempo e cristalizar os movimentos de uma cidade baseados em um argumento único. “Essa idéia de refundação e reordenamento, mas também de manipulação e controle, percorre intimamente a inteira concepção de cidade moderna.”<sup>4</sup> Esse era o sentimento no Recife do início do século XX, mudança, reordenamento, limpeza social.

Essa febre modernizante ataca o Recife, inúmeras medidas foram tomadas para “reconstruir” a cidade, alargamento de ruas, saneamentos de quarteirões, derrubada de

---

<sup>4</sup> (DECANDIA, 2003:183)

casebres e de imóveis considerados insalubres, enfim, era construída uma nova face para a cidade. Estas mudanças possuíam uma nítida orientação, já que a venda dos lotes, antigas casas desapropriadas, estava ligada a um modelo de construção. Assim para se tornar dono do lote era necessário prometer e comprovar que cumpriria as exigências impetradas pelo Estado, estas exigências se referiam a modelos dos imóveis, descrição de medidas e detalhes de acabamento, tudo baseando em modelos arquitetônicos utilizados na reforma urbana do Rio de Janeiro, a então capital da república.<sup>5</sup>

A Inglaterra detinha seus tentáculos imperialistas por todo globo. Todavia, tal relação não se detinha apenas a aspectos econômicos, podemos discutir também em aspectos culturais. Como em diversos espaços do planeta no início do século XX, Recife acolhia algumas empresas inglesas que cumpriam um papel fundamental no processo de modernização da cidade<sup>6</sup>. Como centro cultural, a Inglaterra se ligava intelectualmente ao Brasil, no sentido de que muitos jovens brasileiros foram enviados a cidades inglesas buscando uma educação mais qualificada. Esses jovens voltavam imbuídos de ideais modernos e discursos produzidos e reproduzidos por toda Europa.

Os ingleses tiveram participação marcante no processo de modernização da cidade do Recife na primeira metade do século XX. Esses tinham espaço em diversos setores sociais no comércio, na indústria, nas concessionárias de serviços públicos, inclusive criando espaços de sociabilidades próprios como pensões, igrejas, cemitérios e clubes. Muitos desses ingleses aportaram em Recife e participaram de transformações importantes na cidade. Com essa forte presença inglesa na cidade não é surpresa que os

---

<sup>5</sup> Ver mais em LUMBAMBO, 1991.

<sup>6</sup> Ferrovias e transporte público era responsabilidade da Great Western. Em 1913 foi criada a Pernambuco Tramways que passou a cuidar dos serviços de transporte público a base de Bonds elétricos. Em 1934 a empresa criou um time de futebol chamado de Tramways Sport Club campeão pernambucano em 1936 e 1937.

ingleses tenham sentido necessidade de criar pedaços de sua terra no Recife. Locais onde pudessem ser celebradas tradições inglesas, assim foram surgindo pensões, clubes sociais, clubes de futebol, geralmente ligados as empresas, hospitais e até um cemitério. Dentre todos esses espaços de sociabilidades nos deteremos em particular ao Pernambuco *British Club* fundado em 1906. Depois da fundação do Sport Club do Recife, em 1905, foram muitos os *match's* no campo do *British Club*. No entanto, isso não implica em concordar com Hilário Franco Junior sobre a popularização do futebol, pelo menos não no Recife, quando este afirma que se baseia em um processo de imitação de práticas estrangeiras:

“Os ingleses, espalhados pelo mundo devido ao vigor de seu império, procuravam ali jogar futebol apenas entre si, resistindo à participação dos nativos. Estes é que passaram espontaneamente a imitar aquela prática esportiva, demonstrando que ela refletia valores profundos de muitas sociedades, não apenas a Grã- Bretanha.”<sup>7</sup>

O caso recifense põe abaixo esta teoria de imitação simples e pura dos nativos a hábitos ingleses. Houve sim, uma apropriação do esporte pela população local, isso ocorreu através de um processo de expansão do esporte, quando este, saí dos quintais das casas inglesas, para campos aberto ao público.

O futebol aporta em Recife por volta de 1903. E segundo Givanildo Alves<sup>8</sup>, foi trazido na bagagem, junto com outros esportes como o *Rugby* e o *Criquet*, do jovem Guilherme de Aquino da Fonseca quando o mesmo volta do *Hooton Lown School*, onde havia estudado por cinco anos. Em sua volta, trouxe consigo uma bola, meiões, camisas e outros materiais utilizados na prática do *cricket*, *rugby*, *tênis* e do *foot-ball*

---

<sup>7</sup> (FRANCO JUNIOR; 2007: 29)

<sup>8</sup> (ALVES, 1978)

*association*. Portanto sua idéia não era somente inocular o vírus do futebol, mas sim de diversos outros esportes europeus, ou seja, modernos. Não podemos interpretar Aquino como o herói do futebol pernambucano. O jovem pode ser melhor caracterizado como um entusiasta do esporte que tentava praticá-lo em Recife. Encontrou outras pessoas com o mesmo objetivo que acabaram se organizando e construindo um campo esportivo na cidade.

Em Recife há uma memória consolidada, e pouco questionada, que imortalizou um homem, como introdutor do “esporte bretão” na cidade. De certa forma essa memória do futebol é consolidada em vários polos futebolísticos do país, casos clássicos de jovens brasileiros que, geralmente, foram estudar na Inglaterra e trouxeram para o Brasil as regras e o material para introduzir o futebol no país. Em São Paulo, e de quebra pela primeira vez no Brasil, há a figura de Charles Miller, no Rio de Janeiro há Oscar Cox, na Bahia José Ferreira Filho e em Pernambuco o nome é Guilherme de Aquino Fonseca.

Essa memória do futebol no Recife foi eternizada pelo livro História do Futebol Pernambucano, publicado em 1978, escrito pelo jornalista esportivo Givanildo Alves. Nessa construção Guilherme de Aquino foi um jovem pernambucano filho de senhores de engenho que foi estudar na Inglaterra.

Segundo Alves, Aquino voltou:

fascinado pelo espírito esportivo dos estudantes do Hooton Lown School, onde havia passado cinco anos, Guilherme não esqueceu de trazer, na sua volta a Recife, uma bola, meiões, chuteiras, camisas e outros apetrechos para jogos de Cricket, Rugby e Tênis, pois sua ideia não era somente a de inocular

no recifense o vírus do futebol “association”, mas também o de fundar uma clube.<sup>9</sup>

O ano que é registrado a volta de Aquino é 1903 e no ano seguinte, 1904, ele organizou a primeira partida de futebol no Recife. Aquino “conseguiu reunir 11 jogadores e disputar o primeiro “match”, em caráter particular e de experiência, contra o time da Western.”<sup>10</sup> Já no ano seguinte em 1905, fundaria com um grupo de amigos, dentre eles Mario Sette<sup>11</sup>, o primeiro clube da cidade do Recife que tinha um departamento de esportes terrestres e dentre estes o futebol. É então fundado, no dia 13 de Maio de 1905, o Sport Clube do Recife. Essa é a narrativa clássica sobre os primórdios do futebol pernambucano.

Muito antes deste fato ocorrer, ainda no século XIX, na Inglaterra “o modelo da cultura do futebol (...) era um modelo nacional, ou para ser mais preciso, um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra Industrial.”<sup>12</sup> O futebol era um esporte amplamente popular entre a classe operária inglesa, era também um esporte praticado por muitos jovens, principalmente em escolas e universidades, “las competiciones de remo, El cross y El fútbol fueron integrándose gradualmente en la vida de las escuelas y más tarde, a mediados de siglo, en las universidades.”<sup>13</sup> O valor esportivo foi incentivado pela nova sociedade burguesa que nascia na Inglaterra pós revolução industrial sobre a relação esporte e sociedade, especialmente o futebol, Hobsbawn elabora essa análise:

---

<sup>9</sup> (Alves, 1978, p.15)

<sup>10</sup> (Alves, 1978, p.17)

<sup>11</sup> Famoso escritor pernambucano da época.

<sup>12</sup> (HOBSBAWM, 2000, p.291)

<sup>13</sup> (MANDELL, 1984, p. 163)

Que o esporte era considerado elemento importante na formação da nova classe governante, segundo o modelo do *gentleman* britânico burguês treinado em escola pública, é evidente, pelo papel das escolas ao introduzi-lo no continente. Que o esporte apresentava um aspecto patriótico e até militarista é igualmente claro. Mas serviu também para criar novos padrões de vida e de coesão da classe média.<sup>14</sup>

A Inglaterra vivia seu auge imperialista sob o resto do mundo, sua hegemonia econômica era notável. No Recife desde o final do século XIX houve uma intensa imigração inglesa para a cidade. Os ingleses chegam ao Recife devido a um processo de expansão capitalista de seu país, pois muitos acompanharam empresas inglesas que vinham para o Recife que buscava modernizar-se. De acordo com Vainsencher:

No começo do século XIX, quando o príncipe regente D. João abriu os portos do País, os ingleses começaram a chegar ao Brasil - em especial, para São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A Inglaterra era possuidora de uma frota poderosa que percorria o mundo, e os ingleses esperavam encontrar aqui uma boa oportunidade para expandir sua indústria e comércio, bem como obter o máximo de lucro.

Naquela época, a cidade do Recife possuía, aproximadamente, 200.000 habitantes, e a colônia inglesa já se apresentava de forma bastante expressiva, com a presença das seguintes firmas, bancos e empresas concessionárias de serviços públicos: a *Western Telegraph Company* (que possibilitava o contato com o mundo, através do cabo submarino), *Pernambuco Tramways and Power Company* (que interligava o Recife, com os seus trens, às demais cidades de Pernambuco e do Nordeste), *Huascar Purcell*, *Pernambuco Paper Mills*, *Western of Brazil Railway Company*, *Price Waterhouse*, *Machine*

---

<sup>14</sup> (HOBSBAWM, 1988, p. 256-257)

*Cotton, John A. Thom* (negociante de algodão, borracha, açúcar, mamona, cera), *Cory & Brothers, Bank of London & South America, London & River Plate Bank, Royal Bank of Canada, Boxwell & Cia.* (o maior estabelecimento de enfiamento de algodão), *Williams & Cia.* (exportadores de açúcar e algodão), *Conolly & Cia.* (casa de câmbio), *Ayres & Son* (representante de várias firmas e fabricantes), e *White Martins*.<sup>15</sup>

Como podemos perceber a cidade do Recife abrigou um número alto de imigrantes ingleses que fizeram da cidade a sua casa. Sendo o futebol um esporte muito difundido entre a classe trabalhadora inglesa e os estudantes, é provável que este gozasse de boa popularidade entre os imigrantes. Os jornais da cidade, com frequência, publicavam notícias relacionadas ao futebol inglês, resultado dos campeonatos, etc. Se os jornais publicavam é porque pensavam haver pessoas que se interessariam pelas informações. Os hábitos ingleses encontravam facilidade de difusão pela vontade de modernidade dos recifenses, o *five o'clock*, chá das cinco, passa a ser um hábito entre a elite urbana recifense que enchia os cafés da Rua Nova<sup>16</sup> para realizar essa mais nova tradição.

É notória a participação de imigrantes ingleses na sociedade recifense do final do século XIX e início do século seguinte. Como vimos inúmeras empresas inglesas instalaram-se no Recife mudando completamente a rotina da cidade, como também criando novos hábitos e apropriações das novidades. De acordo com o historiador pernambucano Raimundo Arraes, em seu estudo sobre a cidade do Recife na transição do século XIX para o século XX:

---

<sup>15</sup> VAINSENER, Semira Adler. *Ingleses em Pernambuco*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 10 maio. 2012.

<sup>16</sup> Local muito famoso na cidade do Recife nesse período e abrigava inúmeras cafeterias e lojas.

A Grã-Bretanha capitaneava uma economia crescentemente globalizada, tornando-se a maior compradora de produtos primários e a maior exportadora de produtos industrializados, bem como de capitais sob a forma de empréstimos governamentais indispensáveis para a implantação de infraestrutura técnica das quais dependiam as economias submetidas para viabilizar a exportação de alimentos e matérias-primas. A ampliação do mercado internacional mundial promove uma forte absorção dos capitais europeus pelas áreas produtoras de matérias-primas.<sup>17</sup>

Assim a relação que a Grã-Bretanha tinha com os agricultores pernambucanos era de compra de matéria prima, geralmente cana-de-açúcar, esse comércio, ao modo capitalista de produção, proporcionou o aumento de uma elite econômica urbana na capital do estado. Essa elite passa a exigir uma modernização na cidade da mesma forma que “a usina representou, em Pernambuco, o esforço modernizador do início do regime republicano”<sup>18</sup> a cidade precisava se modernizar, esse era o discurso dessa elite urbana. Dessa forma o capital estrangeiro, principalmente inglês, inseriu-se de forma avassaladora na cidade do Recife como consequência desses investimentos a cidade recebe vários equipamentos modernos como:

“água canalizada, trecho Recife-Cabo da Estrada de Ferro Recife-São Francisco, Estrada de Ferro Recife-Olinda-Beberibe, serviços de bonde de tração animal, serviço telegráfico, serviço telefônico manual, de tal forma que em 1900, sob certos aspectos o Recife já podia ser chamada de cidade moderna.”<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> ARRAES, 1998, p.39.

<sup>18</sup> ARRAES, 1998, P.42.

<sup>19</sup> ARRAES, 1998, P.43-44

Como já vimos o futebol era um esporte popular entre a classe trabalhadora inglesa, diante de tantos funcionários de empresas inglesas no Recife, será que esses operários não praticavam o esporte? Além dos operários o futebol também era popular nas universidades inglesas, ou seja, os funcionários ingleses de alto escalão dessas empresas supracitadas não praticavam o futebol? É difícil afirmar peremptoriamente que sim, mas as fontes expostas são no mínimo suficientes para ser questionada a memória hegemônica construída referente ao futebol pernambucano.

Na cidade existiam dois clubes esportivos: Club Internacional de Regatas e Clube Náutico Capibaribe. O primeiro em sua fundação se destinava a ser um clube de regatas, mas em seu novo estatuto de 1906 mudava de nome para Club Internacional do Recife, mudando também de função. Abandonava as regatas e agora vivia de bailes esporádicos e jogos de cartas, tornando-se, assim, apenas um clube de lazer social.

Já o Náutico foi fundado em 1901 por jovens que compunham o Recreio Fluvial. Este era um clube de Remo amador que esporadicamente se apresentava na cidade, geralmente em períodos festivos. Suas atividades remontam ao final do século XIX. Com o tempo o Recreio Fluvial entra em crise e os seus sócios sentem a necessidade de formar outra agremiação, com isso, em 1901, nasce o Clube Náutico Capibaribe. Este tinha como maioria de seus associados membros da elite agrária pernambucana. Devido à decadência do Internacional o Náutico fica sem adversários nas regatas e estas serão cada vez mais esparsas.

Em 1904 é realizado o primeiro *match* noticiado pelos jornais da cidade. Guilherme de Aquino reuniu onze jogadores e convidou para o embate o time da Great Western formado por empregados desta companhia, dando o pontapé inicial do esporte na cidade. No ano seguinte nasceria o Sport Clube do Recife. Três dias depois de sua

fundação o clube tem sua primeira notícia na imprensa, publicada no *Jornal Pequeno* que dizia: “Oxalá que o Sport Club do Recife progrida, pois vêm preencher uma das maiores lacunas da nossa sociedade: falta absoluta de distração”, reafirmando a apatia esportiva descrita anteriormente. No dia 28 de maio, os rapazes rubro-negros se reuniram agora para formação de sua diretoria que teve como presidente Elysio Alberto Silveira e Guilherme de Aquino como diretor de esportes terrestres, dentre outros cargos.

Os jogos de futebol foram esporádicos neste início em Pernambuco, de 1905 a 1909 o Sport realiza apenas três jogos oficiais, no entanto isso não significa que o clube não era ativo. Além dos outros esportes praticados pelo clube, como o remo, havia os “ensaios”, o que hoje seriam os treinos. Esse hiato entre os *match's* deve-se a falta de adversários: não havia outros clubes na cidade, de modo que as atividades futebolísticas estavam reduzidas a jogos com funcionários das companhias inglesas instaladas em Recife. Em 1909 o Náutico insere o futebol no *hall* de suas atividades. Segundo Givanildo Alves o Náutico só adere o futebol, pois muitos dos seus sócios estavam praticando este esporte com os sócios do Sport na Campina do Derby. Com isso tradicionais adversários nas regatas (que nesse momento eram muito mais populares que o esporte bretão), agora também se enfrentarão nos campos de futebol.

### **Da expansão a institucionalização.**

Com o passar do tempo, seguindo o desenvolvimento do esporte, vão surgindo novos clubes que adotam o futebol como uma prática esportiva. De forma ilustrativa vemos uma matéria sobre o nascimento de um novo clube em 1906, um ano após a fundação do Sport.

Como fora anunciado o Club sportivo pernambucano reuniu domingo ultimo, sob a presidência do sr. João Claudio, dando assim, inicio aos trabalhos sociais do anno corrente.

Nessa reunião tratou-se de vários assuntos de grande interesse, ficando marcada para hoje, ao meio dia, outra sessão na qual tratar-se-á da abertura da estação do foot-ball , em Jabotão<sup>20</sup>.

Percebemos que houve uma tentativa de expansão do esporte pelo estado, mesmo sendo uma cidade vizinha a Recife atualmente, Jabotão no início do século XX era razoavelmente distante de Recife. Esta tinha limites mais próximos a Olinda. Tentativas de fundação de novos clubes eram frequentes, principalmente a partir do ano de 1909. A grande maioria dos clubes que surgiam não tinham muitas informações divulgadas nos jornais, portanto devido ao fato dessas informações serem flutuantes não foram possíveis análises profundas sobre os clubes especificamente.

No ano de 1909 há uma espécie de *boom* de nascimento de clubes no Recife. Olinda foot-ball Clube, o Círculo Católico monta um time de futebol, Cruz Negra Football Club, Santa Tereza, British Club, Norseman e finalmente o Clube Náutico Capibaribe. Este último já existia como clube náutico desde o ano de 1901, segundo Givanildo Alves<sup>21</sup> o clube foi procurado por Aquino para que o futebol fosse implantado no mesmo, contudo recebeu uma resposta negativa e a partir daí surgiu à ideia de fundar um novo club que seria o Sport. Mais uma vez o autor citado não informa ao leitor as bases fundamentais da construção dos seus argumentos, todavia nessa questão há uma especificidade. No primeiro estatuto do Sport Club do Recife há um artigo, no mínimo, curioso. Observemos:

## CAPÍTULO II

### **Dos sócios, seus direitos e deveres**

Art. 4.º São sócios do Club, todos os cidadãos maiores de 16 annos, de qualquer Estado e nacionalidade, e que, sendo, proposto por um ou mais sócios, forem aceitos pela Directoria.

---

<sup>20</sup> A Província 29 de Abril de 1906.

<sup>21</sup> (Alves, 1978.)

§único. Todo cidadão que pertencer a qualquer Associação, que tenha o Sport Marítimo, não poderá pertencer ao *Sport Club do Recife*.

O artigo quarto parágrafo único foi o que chamou nossa atenção. Ao declarar em suas normas de funcionamento a restrição aos sócios de outros clubes náuticos declara guerra ao único clube que preenchia esse requisito: o Clube Náutico Capibaribe. Uma das rivalidades mais antigas<sup>22</sup> em nosso país tem nesse documento oficial do Sport Club do Recife sua certidão de nascimento. Nesse momento a rivalidade era construída na água, nas disputas nas regatas, mas com o tempo a mesma expandiu seus limites passando para o futebol e outras atividades como o Tiro ao alvo<sup>23</sup>.

O surgimento de novos clubes proporciona uma diversificação nos espaços em que o jogo era praticado, além do já conhecido ground do Derby, surgem como opções a Jaqueira, Praça da República, ground de Sant'anna, Santa Tereza, ground do British Club e o Parque 13 de Maio. Podemos perceber que há um processo de expansão do esporte, obviamente esse processo não é contínuo, tampouco progressivo, há momentos em que outros esportes como o remo, o boxe e até mesmo o turf, chamam mais atenção do que o futebol e com isso ocupam mais espaço nos periódicos.

Além desse boom de clubes o ano de 1909 é marcante pela adesão do Clube Náutico Capibaribe ao futebol, de acordo com Alves<sup>24</sup> a motivação seria baseada em informações que dariam conta de que muitos jovens sócios do Náutico estavam abandonando o clube para jogarem futebol no Sport. 25 de Julho de 1909 é o dia do primeiro confronto entre Náutico e Sport, eram empolgantes os anúncios do “match”.

Foot-ball- Atraente match de foot-ball realiza-se hoje entre o Sport Club do Recife e o Club Náutico Capibaribe às 4 horas da tarde, no British Club.

---

<sup>22</sup> O clássico dos clássicos, termo utilizado para os confrontos entre Náutico e Sport, é o terceiro mais antigo do Brasil, perdendo apenas para Fluminense X Botafogo e Internacional X Grêmio.

<sup>23</sup> Jornal Pequeno 18.01.1907: A directoria do Club Atlético Caixeiral pretende realizar no próximo dia 02 de Fevereiro, um torneio de tiro ao alvo, devendo tomar parte o Club Náutico Capibaribe e o Sport Club.

<sup>24</sup> (Alves, 1978.)

É o primeiro encontro das duas apreciadas sociedades em um campo de foot-ball. Reina grande entusiasmo e, por isso, certamente vai ser o match muito concorrido.

Os elevens são estes:

Sport Club- (calção branco e camisa encarnada e preta): forwards J. Amorim Jr, Alberto Amorim, C. Chalmers, Logan Griffith, S. Marsh; half-backs – Willie Robson, W. A. Pickwoad, F. Fellows; full-backs- W. H. Muller, N.D.T. Oliver; e goal-keeper: L. Latham.

Club Náutico: fowards, João Maia, Americo Silva, R. Mausell, D. Thomaz, H. Grant-Anderson; half-backs- R. Ramage, F. Ivatt, J. Cook; full-backs- H. A. B. Avilla, E. Montague-Smith; goal-keeper: H. King.

Referee o sr. Thomaz Wright<sup>25</sup>.

Notemos que a partida será realizada no campo do British Club, o clube dos ingleses, mais um indício da influência inglesa em nosso futebol e de que os ingleses já praticavam o esporte antes do retorno de Aquino da Europa, qual o motivo de se ter um campo de futebol se não o de praticar o jogo? Além do fato de já terem um espaço próprio para a prática do futebol, basta que tenhamos atenção aos sobrenomes dos jogadores que fazem parte do “match”. Muitos sobrenomes, possivelmente, ingleses, além do árbitro o senhor Thomaz Wright.

Para ratificar a importância da comunidade inglesa no início do futebol pernambucano vejamos esta notícia:

“De conformidade com a tabela organizada pela direção do British Club para os matches de foot-ball e criket, desta estação, cabia a partida de amanhã ao Club Nautico e Sport Club, na disputa de um match de foot-ball. Este deixa se realizar em atenção aos sócios ingleses do Nautico e Sport, devido estar enlutada a colonia pelo fallecimento do Rei Eduardo VII. Será brevemente anunciado o dia deste match.”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Diário de Pernambuco 25 de Julho de 1909.

<sup>26</sup> Jornal Pequeno do dia 12 de Maio de 1910

Percebemos, assim, que o falecimento do Rei Eduardo VII alterava todo o calendário de esportivo da cidade, ou pelo menos o calendário do futebol. Ratificando também a participação efetiva dos ingleses no quadro de associados dos clubes de futebol existentes, Náutico e Sport.

A década de 1910 é marcada pelo início do processo de constituição de um campo esportivo na cidade do Recife. A própria cidade passava por um grande momento de mudança, os apelos por transformações urbanas iniciados no século XIX passam a ser atendidos. Neste mesmo ano de 1909 era iniciada uma reforma no cais do Porto que se alastraria ao centro da cidade. Esta foi baseada na reforma do Porto do Rio de Janeiro e obteve ajuda financeira do governo federal para ser concretizada.

Ao chegar ao centro da cidade à reforma urbana veio acompanhada de uma reforma sanitária. Em nome desta, inúmeras casas, cortiços e pensões consideradas insalubres foram postas a baixo. O discurso sanitarista tinha na sua base fundamentos financeiros. A ideia por trás da desapropriação destes ambientes era criar uma cidade ideal e nesta não havia espaço para a “arraia miúda”.

Esta mesma população que vai sendo empurrada para longe do centro da cidade, vai criar seus espaços de sociabilidades em novos locais suburbanos. É possível estabelecermos uma relação entre a criação de clubes afastados do centro da cidade com essa nova população que vai sendo agregada aos subúrbios recifenses. O futebol, esporte tão ligado a elite pernambucana e a comunidade inglesa, estava, agora, sendo praticado pelas classes menos abastadas em ruas, praças e campos improvisados.

No entanto, Sport e Náutico se posicionam de maneira ostensivamente indiferente a este processo. A partir de um levantamento realizado nos jornais recifenses que cobriam o futebol, foi possível concluir que durante o período de 1909 a 1915 o Sport

jogou 28 vezes. Estes jogos foram caindo gradativamente ano a ano em 1909 foram 10 jogos, em 1910 foram 8 jogos, em 1911 foram 7 jogos, em 1912 não houve nenhum jogo, em 1913 foram 2 jogos, em 1914 apenas um match e finalmente em 1915 o Sport não disputou nenhuma partida. Já o Náutico teve no mesmo período disputou 21 jogos em 1909 foram 4 partidas, em 1910 foram 8 jogos, em 1911 foram 6 partidas, em 1912 não houve jogos disputados, em 1913 foram apenas 2 jogos, em 1914 não houve jogos, por fim em 1915 apenas um jogo.<sup>27</sup>

Estes números em poderiam sugerir apenas a ausência de um cenário futebolístico difundido no Recife, mas há algo mais importante. Náutico e Sport Cube do Recife só jogavam entre si e contra times de empresas inglesas, como London Bank, Western Telegraph, Norseman, Great Western BR, British Club. Este grupo de equipes se enfrentavam sem um calendário específico, e o número de jogos variava ano a ano, com um número decrescente de jogos entre 1911 e 1915. Um motivo para esta inconstante variação do número de jogos e que mesmo para estes clubes o futebol ainda estava em segundo plano. O principal esporte destas agremiações ainda era o remo. As regatas tinham grande espaço na imprensa e eram aguardadas com ansiedade. Seus resultados consumiam grande parte das colunas esportivas por dias. A chegada de uma nova embarcação era digna de uma grande cobertura da imprensa comparável a chegada de um grande jogador aos nossos dias.

Esta instabilidade nos grandes clubes da cidade, em relação à frequência dos jogos, é inversamente proporcional ao crescimento de clubes menos abastados. São inúmeros clubes que aparecerem de forma fugaz e em muitos casos desaparecem da mesma maneira. O importante é percebemos o fenômeno de forma geral e ampla. O

---

<sup>27</sup> Dados coletados durante as pesquisas nos jornais, principalmente no Diário de Pernambuco.

boom de clubes que acontece é uma reivindicação popular, uma adaptação da prática esportiva às condições sociais possíveis a essa população. Para a elite pernambucana jogar futebol era como tomar o chá das cinco ou utilizar roupas francesas, eram hábitos culturais construídos socialmente que visavam uma distinção social.

As classes menos abastadas perceberam que poderiam adaptar o esporte à sua vida social. Seus jogos não contavam com a banda da polícia militar, mas ganhava espaço nos jornais, pois havia uma preocupação em incentivar a prática do futebol como meio de disciplinarização do corpo. Havia um ambiente propício e fecundo para esse novo esporte que dependia menos de uma condição social do que o remo e o turf, esportes que demandavam recursos financeiros que os tornavam inviáveis para a classe trabalhadora.

Esse boom de agremiações esportivas iniciou um processo que culminaria na institucionalização do esporte. Antes da criação da Liga Sportiva Pernambucana existiram suas tentativas mal sucedidas de formação de uma instituição responsável pela prática do futebol.

A primeira tentativa ocorreu em Fevereiro de 1912, sob a presidência do então conhecido sportman Sr. Eugênio Silva foi fundada a Liga Pernambucana de Foot Ball. Filiados a estas associações estavam as seguintes agremiações: Internacional F.C; Minas Gerais F.C; Riachuelo F.C; Brazil F.C; e Peres F.C. esta instituição teve pouco tempo de vida. Algum tempo depois de seu nascimento a diretoria renunciou e esta teve suas atividades encerradas.

A segunda tentativa ocorreu em agosto de 1913 com a criação da também chamada Liga Pernambucana de Foot Ball que chegou a organizar um campeonato pernambucano de futebol do qual participaram: Recife Club; Pernambuco Sport Club;

Sport Club Olindense; Olindense Foot-ball Club e Caxangá Foot Ball Club. Esta teve uma vida um pouco mais longa que sua antecessora, as informações dos jornais relatam que a fase de retorno do campeonato chegou a ser iniciada, contudo não teve fim.

O ano de 1914 é marcante em Pernambuco, pois nasce um dos seus maiores clubes, o Santa Cruz Futebol Clube. Este nasceu da cabeça de jovens garotos que costumavam se reunir no pátio da Igreja de Santa Cruz para conversar e jogar futebol. O nome do clube foi em homenagem a igreja, e as cores iniciais eram o preto e o branco.

No ano seguinte, dez anos após o surgimento do primeiro clube especificamente voltado para a prática do futebol, há mais uma tentativa de criar uma instituição reguladora do futebol. Um dia, após um treino do João de Barros (futuro América Foot-ball club), um time de jovens do bairro do mesmo nome, se uniram com objetivo de fundar uma entidade, a Liga Sportiva Pernambucana, que diferente das tentativas anteriores obtivesse sucesso. No dia 16 de junho de 1915, o Diário de Pernambuco anunciava o importante encontro dos dirigentes para a criação da tão sonhada liga.

“Hoje, às 18 horas, haverá reunião das comissões representativas dos clubes esportivos desta capital, a fim de discutirem o melhor de organização de uma liga de futebol. Pede-se o comparecimento das comissões de todos os clubes à dita reunião, que se efetuará na Estrada de João de Barros, número 19-A.”<sup>28</sup>

A atitude dos jovens do João de Barros de avisar a imprensa desta reunião parece uma atitude mais democrática visando fortalecer esta incipiente instituição. O grupo obteve

---

<sup>28</sup> Diário de Pernambuco 16 de Junho de 1915.

sucesso, pois houve uma efetiva participação segundo a ata da reunião observamos o sucesso da reunião.

“Conforme fora previamente anunciado, efetuou-se no dia 16 de junho do corrente, a reunião promovida pelo João de Barros Futebol Clube, para tratar-se da organização de uma liga que, promovendo torneios e campeonatos, desenvolva o futebol em nosso meio. Fizeram-se representar na reunião, os seguintes clubes desta Capital: João de Barros Futebol Clube, Centro Sportivo Peres, Sport Clube Flamengo, Santa Cruz Futebol Clube e Agros Sport Clube Socorro<sup>29</sup>.

Nesta reunião foi aclamada uma diretoria provisória que deu início a um processo eleitoral que teve seu fim no dia 07 de Julho de 1915, praticamente um mês depois de sua fundação. A Liga Sportiva Pernambucana tem como seu primeiro presidente eleito o Sr. Alcebíades Braga que era também presidente do Flamengo Sport Club, um dos clubes fundadores da liga.

Não perdendo tempo a Liga Sportiva Pernambucana promove, já no seu primeiro ano de fundação, o primeiro campeonato pernambucano da história. O campeonato teve seu início no dia 01 de agosto de 1915 com a partida entre Santa Cruz e Coligação Recifense, apresentou como partida final o jogo entre Torre e Flamengo no dia 12 de dezembro de 1915. Os seguintes clubes participaram do primeiro campeonato pernambucano: Santa Cruz; Flamengo; Torre; João de Barros (América); Coligação Recifense; Centro Esportivo Peres.

O campeonato de 1915 foi peculiar, pois na metade de seu curso sofre uma interrupção devido à excursão do América do Rio de Janeiro pelo Recife. Após a

---

<sup>29</sup> ( Diário de Pernambuco 16 de Junho de 1915)

excursão o campeonato sofre duas mudanças. A primeira é a alteração do regulamento, com intuito de encurtar o campeonato os jogos de volta foram excluídos e a decisão foi feita em um triangular que contava com os três melhores times da primeira fase foram eles: Santa Cruz, Torre e Flamengo. A segunda foi a alteração do nome de uma das agremiações, o antigo João de Barros, que passou a se chamar América Foot-ball clube em homenagem ao homônimo carioca e a seu dirigente Belfort Duarte.

O campeonato de 1915 deu início a série de campeonatos pernambucanos que acontecem até os nossos dias de forma ininterrupta ano após ano. O primeiro campeão pernambucano foi o Flamengo que pouco depois deixaria de ser protagonista do torneio. Percebemos a ausência dos clubes tradicionais como Sport e Náutico, certamente hesitantes em participar de uma liga que continha clubes formados em bairros humildes da cidade. No entanto, isso duraria pouco, e já no segundo ano de sua edição em 1916 estes clubes entraram na liga, com o Sport conquistando seu primeiro título no futebol.

A criação da LSP fecha um ciclo iniciado em 1905, foram dez anos entre a fundação do primeiro clube e a institucionalização do esporte. Essa foi a fase inicial do futebol recifense. Um esporte que entrou em nosso país aliado aos adventos da modernidade e que foi apropriado por diversas classes sociais que iam desde a distinção social ao simples amor pela prática esportiva.

### **FONTES:**

#### **Periódicos:**

Jornal Pequeno 1905- 1915; APEJE-Arquivo Público do Estado de Pernambuco  
Jordão Emereciano.

Diário de Pernambuco 1905-1915. APEJE-Arquivo Público do Estado de Pernambuco Jordão Emereciano.

**Atas de Fundação** do Sport Clube do Recife, Santa Cruz Futebol Clube e atas de reuniões da LSP. Acervo documental da Federação Pernambucana de Futebol.

**Estatutos** do Sport Clube do Recife, Clube Náutico Capibaribe e João de Barros Futebol Clube. Biblioteca Pública do estado de Pernambuco seção de Obras Raras.

### **REFERÊNCIAS:**

ALVES, Givanildo. 85 Anos de Bola Rolando: Federação Pernambucana de Futebol 1915-1999. Recife: Editora Bagaço, 2000.

\_\_\_\_\_. *História do Futebol em Pernambuco*. Recife: CEPE, 1978.

ARRAIS, R. P. A. . *Recife, culturas e confrontos*. Recife: EDUFRRN, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CORDEIRO, Carlos Celso; CORDEIRO, Luciano Guedes. *Sport – Retrospecto 1905 a 1959*. Recife: Editora Autor, 2005.

\_\_\_\_\_. *História do Campeonato Pernambucano 1915 a 1970*. Recife: Editora Bagaço 2000.

\_\_\_\_\_. *Náutico: Retrospecto de Todos os Jogos 1º volume*. Recife: Editora Bagaço, 2001.

DECANDIA, Lidia. O tempo invisível: da cidade moderna à contemporânea. In: *Margem (PUCSP)*, São Paulo, v. 17, p. 181-195, 2003.

FERREIRA, José Maria. *História dos Campeonatos Pernambucanos*. Recife: Cepe, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LUMBAMBO, Catia Wanderley. *O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero*. Recife: CEPE, 1991.

MANDELL, Richard D. *Historia Cultural del Deporte*. Barcelona: edicions bellaterra, 2006.

PARAÍSO, Rostand. *Esses Ingleses...* Recife: Bagaço, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIO, Fernando. *Meu Recife de outrora : Crônica do Recife Antigo*. Recife: CEPE, 1969.

SETTE, Mário. *Arruar: História pitoresca do Recife Antigo*. Rio de Janeiro: C.E.B, 1948.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio in História da Vida Privada Vol. 3*. São Paulo: Schwarcz LTDA, p. 513-619, 1998.

\_\_\_\_\_. "Futebol, metrópoles e desatinos". In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.

SOARES, Antonio Jorge. “História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”. In: HELAL, Ronaldo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.